



ÁFRICAS EM QUADRINHOS: *O TICO-TICO* E *A GAZETINHA* NOS ANOS 1930

Lucas Mello Neiva¹

Mestrando, PPGHS, FFLCH/USP

lucas.mello.neiva@gmail.com

RESUMO

A presente pesquisa tem como objeto a representação da África em diferentes tipos de fontes visuais publicadas em *O Tico-Tico* e *A Gazetinha* nos anos 1930. Visamos analisar a forma como as ideias de África e de africanos são construídas nas narrativas, bem como comparar a caracterização da África e dos africanos nas histórias com materiais didáticos e lúdicos sobre África e africanos publicados nos periódicos, observado recorrências e variações. Como fonte principal são usados três quadrinhos: *Terras Extranhas*, de Oswaldo Storni, publicado entre 1936 e 1938 em *O Tico-Tico*; *O Campeão*, também de Storni, publicado em 1937 em *O Tico-Tico*; e *Tom Corrigan no Sertão Africano*, de Sigismundo Walpeteris, publicado em 1939 em *A Gazetinha*. O estudo adota como referencial teórico Michael Baxandall, autor vinculado ao campo da Cultura Visual, assim como autores que discutem as especificidades das linguagens dos quadrinhos, como Daniele Barbieri e Thierry Groensteen. Utilizamos como base documental os números de *O Tico-Tico* e *A Gazetinha* presentes no acervo digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Palavras-chave: História em quadrinhos; África; Raça.

A presente pesquisa tem como objeto a forma como as ideias de África e de africanos são concebidas visualmente em diferentes tipos de imagens publicadas nos periódicos infanto-juvenis *O Tico-Tico* e *A Gazetinha* nos anos 1930. É importante destacar que não se trata de um estudo sobre a África em si, mas sobre como o imaginário sobre a mesma se apresenta nos periódicos em questão.

¹ O autor é mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da FFLCH/USP, sob orientação da Profa. Dra. Solange Ferraz de Lima. No presente trabalho apresentamos resultados parciais, obtidos na pesquisa de mestrado em andamento, realizada com bolsa CAPES.



Usamos como fonte principal três histórias em quadrinhos: 1) *Terras Extranhas*, de Oswaldo Storni, publicada em *O Tico-Tico* entre 1936 e 1938; 2) *O Campeão*, também de O. Storni, publicada em *O Tico-Tico* em 1937; 3) *Tom Corrigan no Sertão Africano*, assinada por Sigismundo Walpeteris, publicada em *A Gazetinha* em 1939. Além das histórias em quadrinhos, analisamos também uma página educativa e uma página lúdica, ambas publicadas em *O Tico-Tico*: 4) a página educativa intitulada *Populações e Raças*, publicada em 1936; 5) a página lúdica *Nossos Concursos*, em que foi publicado um jogo de palavras cruzadas cuja temática principal é a África.

No estudo, fazemos uma análise comparativa das histórias em quadrinhos e dos demais documentos, de modo a observar recorrências e variações na forma como as ideias de África e de africanos são desenvolvidas visualmente. A pesquisa emprega como base documental os números de *O Tico-Tico* e *A Gazetinha* presentes no acervo digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Sobre *O Tico-Tico* e *A Gazetinha*

O Tico-Tico foi lançado em 1905 e até os anos 1930 foi o periódico infanto-juvenil de maior destaque em circulação no país. A revista tinha como objetivo entreter e instruir os leitores, com conteúdo diversificado, com textos educativos, jogos, peças de teatro, etc. As histórias em quadrinhos cômicas constituíam o principal tipo de conteúdo de entretenimento e ao longo das décadas, inúmeros personagens cômicos passaram pelas páginas da revista. Além de *Chiquinho*, personagem que se tornou praticamente um símbolo da revista, podemos citar nomes como *Juquinha*, *Giby*, *Jujuba*, *Carrapicho* e *Lamparina* de J. Carlos, ou então *Zé Macaco* e *Faustina* de Alfredo Storni, entre tantos outros.

A revista passou a sofrer maior concorrência no mercado de periódicos voltados para os públicos infantil e juvenil a partir da década de 1930, quando periódicos como *O Suplemento Juvenil*, *O Globo Juvenil* e *Gibi* tornaram-se populares com a publicação de quadrinhos de aventura, como *Tarzan* e *Flash Gordon*. Como resposta ao novo cenário, *O Tico-Tico* também publicou quadrinhos de aventura (CHINEN, 2005, p. 111). *Terras Extranhas* e *O Campeão* são exemplos de obras de aventura publicadas no período.



A Gazetinha foi lançada como seção do jornal *A Gazeta*, de São Paulo, em 1928. Em 1929 passou a ser publicada como suplemento do jornal, intitulado *A Gazeta Edição Infantil*. Conforme Roberto Elísio dos Santos (2012), *A Gazetinha* teve três fases de publicação: de setembro de 1929 a outubro de 1930; de setembro de 1933 a março de 1940; e de março de 1948 a junho de 1950 (2012, p. 25-27). Assim como *O Tico-Tico*, *A Gazetinha* também publicava conteúdos diversos, com objetivos de entreter e instruir os leitores. Até meados da década de 1930 as histórias em quadrinhos cômicas eram o principal conteúdo de entretenimento. A partir de 1935 *A Gazetinha* começou a publicar diferentes tipos de histórias em quadrinhos de aventura, como *Tom Corrigan no Sertão Africano*.

Referências teóricas

Empregamos como principais referências para este estudo os autores Michael Baxandall (2006), Thierry Groensteen (2015) e Daniele Barbieri (2017).

No livro *Padrões de Intenção* (2006), Baxandall elabora um método de explicação de pinturas que parte do princípio que estas podem ser consideradas resultados da solução de um problema pictórico. Para resolver o problema de pintar o quadro da forma que interesse ao artista, este dialoga com as diferentes soluções pictóricas com as quais tem contato em seu contexto social, estabelecendo diferentes tipos de relação com as obras de arte que conhece, podendo tomá-las como referência, rechaçá-las, etc. (2006, p. 102.). Conforme Baxandall (2006), a explicação da pintura consiste na articulação lógica entre as soluções formais observadas, os problemas inferidos e o contexto social em que estão inseridos a obra e o artista (2006, p. 48.).

Tomamos como referência Groensteen (2015) e Barbieri (2017) para analisar algumas das características da linguagem das histórias em quadrinhos, assim como do desenho de modo geral. Conforme Groensteen em *O Sistema dos Quadrinhos* (2015), o desenho das histórias em quadrinhos tende à concisão, sendo caracterizado pelo que o autor chama de simplificação sinedóquica e tipificação. Por simplificação sinedóquica, Groensteen refere-se ao modo como o desenho das histórias em quadrinhos frequentemente elimina tudo que “não é necessário para a inteligibilidade da situação



representada” (2015, p. 168). A tipificação seria a aplicação da simplificação aos personagens, a “estilização da personagem em poucos traços pertinentes garante sua caracterização e, assim, sua identificação imediata” (2015, p. 168). De acordo com o autor, o risco da tipificação é de esta tornar-se estereótipo, em que tudo se expressa visualmente, por “‘signos externos’ [...] decodificáveis de maneira simples e imediata” (2015, p. 168). Entendemos que Groensteen caracteriza o desenho dos quadrinhos como particularmente interessado na relação estabelecida com o leitor, uma vez que tanto a simplificação sinédrica como a tipificação têm como objetivo principal facilitar a inteligibilidade/interpretação do que está representado.

Conforme Barbieri (2017), o desenho é uma técnica de produção imagética que obriga o artista a selecionar as características do objeto que pretende representar. Um mesmo objeto pode ser desenhado de modos diferentes, com destaque a diferentes aspectos. Para o autor, saber “desenhar não é somente saber criar imagens que se *assemelham* a esse objeto; também – e sobretudo – *é saber criar imagens que destaquem os aspectos do objeto que são importantes para o discurso que se quer fazer*” (2017, p. 31.).² O destaque pode ser feito de muitas formas, a partir da linha do desenho, do enquadramento, da repetição do aspecto destacado ou o exagero caricatural, a caricatura sendo um “modo de representar personagens e objetos que destaca certas características, *deformando-os*, para expressar alguns de seus aspectos em detrimento de outros” (2017, p. 67.). Segundo Barbieri, a caricatura facilita a leitura das imagens, por ser um desenho cujos aspectos destacados são normalmente reconhecíveis pelo leitor:

a caricatura vive do exagero de características, movimentos e situações estereotipados. A caricatura torna mais fácil o reconhecimento das situações porque põe em evidência precisamente aquilo que *estamos acostumados* a ver nesse tipo de situações, ou o que esperamos ver. E, eventualmente exagera, provocando o efeito cômico. (BARBIERI, 2017, p. 73.).

Partindo destes autores, entendemos que é importante observar padrões nas formas como as ideias de África e africanos eram concebidas visualmente no contexto social dos artistas e dos leitores de *O Tico-Tico* e *A Gazetinha*. Uma vez que a produção

² Todos os itálicos nas citações de Barbieri são originais do autor.



dos artistas dialoga com este contexto visual, e que a interpretação da imagem dos leitores parte do referencial construído pelos mesmos em seus contextos sociais.

Neste estudo, apresentamos como principais objetivos: a) observar padrões e variações na forma como as ideias de África e de africanos são construídas visualmente nos documentos selecionados; b) refletir sobre as relações entre o tipo de documento (quadrinhos de aventura na selva, página educativa e jogo de palavras cruzadas) e as soluções visuais empregadas para caracterização da África e dos africanos.

África e africanos em *O Tico-Tico* antes de 1930

Embora o estudo tenha como foco os anos 1930, é importante destacar que representações da África e dos africanos vinham sendo publicadas em *O Tico-Tico* desde os primeiros anos da revista. No quadrinho cômico *História de um Preto*, publicado no número 62, de 12 de dezembro de 1906, *Timbó*, um “preto”, “selvagem da África”, é desenhado em cenário de deserto, onde encontra uma camisa perdida por um explorador. O quadrinho procura construir efeito humorístico na passagem de um quadro para o outro, em que *Timbó* é desenhado vestindo a camisa de formas absurdas. Com as imagens, pretende-se provocar riso ao destacar a caracterização de *Timbó* como preto e como selvagem, incapaz de usar corretamente uma peça de roupa de um civilizado. *Timbó* é desenhado a partir do estereótipo de selvagem negro, com destaque a convenções de representação do negro, como os lábios grossos e dos itens que compõem sua vestimenta de selvagem, a saia de folhas e a lança principalmente (Figura 1).

Nos anos 1910 e 1920 a revista publicou uma grande quantidade de quadrinhos cômicos que tinham personagens caracterizados como selvagens negros africanos. Nos anos 1920, o quadrinista Nelson publicou histórias que além de contar com personagens desenhados conforme estereótipos raciais e de selvagem, representava os africanos a partir de outros estereótipos recorrentes: em posições subalternas; como bêbados; e como ladrões. É o caso da história *Beberroom* publicada em *O Tico-Tico* número 789, de 10 de novembro de 1920 (Figura 2). Na história, o caçador *Mister Beberroom* percebe um plano de seu guia, o “pretinho” *Escortupicha* de aliar-se a um grupo de selvagens para roubá-



lo. O caçador lembra-se “de que os pretos gostam muito de bebidas” e coloca morfina em seu whisky. O guia e os selvagens bebem o whisky e desmaiam. E o caçador foge, deixando *Escortupicha* e os selvagens para serem comidos por leões. A história representa ainda a África como um lugar caracterizado por uma natureza agressiva, com leões à espreita para atacar a qualquer momento.

Os exemplos são importantes, pois mostram que representações estereotipadas da África e dos africanos vinham sendo publicadas em *O Tico-Tico* nas décadas que antecederam os anos 1930, configurando como potencial referencial para os artistas e leitores dos anos 1930.



Figura 1: *História de um Preto*, *O Tico-Tico*, n 62, 12/12/1906. Acervo digital FBN.



Figura 2: *Beberroom*, de Nelson, *O Tico-Tico*, n 789, 10/11/21. Acervo digital FBN.



África e africanos em quadrinhos de aventura na selva dos anos 1930

Nesse estudo, tomamos como referência para a definição das histórias em quadrinhos de aventura na selva o livro *Adventure, mystery, and romance: formula stories as art and popular culture* (1977), de John Cawelti. Entendemos que as histórias de aventura na selva podem ser interpretadas a partir do conceito de fórmula de aventura, apresentado por Cawelti em seu livro. Conforme Cawelti, as histórias estruturadas a partir da fórmula de aventura, tem suas narrativas centradas no protagonista, caracterizado como herói, que enfrenta e supera obstáculos e perigos para cumprir uma missão importante e moral (1977, p. 39.). A caracterização dos heróis e dos obstáculos variam conforme o tipo de aventura. No caso dos quadrinhos de aventura na selva que se passam na África, como *Terras Extranhas*, *O Campeão* e *Tom Corrigan no Sertão Africano*, a natureza agressiva do continente e os africanos selvagens são os principais obstáculos.

Tomando Baxandall (2006) como referência, entendemos que a forma como as ideias de África e de africanos são desenvolvidas nas histórias em quadrinhos em foco podem ser interpretadas como soluções para os problemas relacionados à fórmula narrativa de aventura na selva. Isso pode ser observado no modo como os artistas caracterizam os personagens e o cenário.

1) *Terras Extranhas*, de Oswaldo Storni (*O Tico-Tico*, 1936-1938)

Terras Extranhas conta as aventuras pelas selvas africanas do caçador *George Spot*, junto com sua esposa *Maria* e seu guia, um homem negro escravizado chamado *Miquimba*. *Spot* e *Maria* são exploradores estrangeiros, encarregados por seu governo de encontrar tesouros no “continente negro”, motivo pelo qual enfrentam diversos perigos, como animais selvagens, monstros e personagens caracterizados como selvagens negros, à medida que atravessam as “terras estranhas” africanas, “jamais pisadas por seres brancos”. No quadrinho, a África é caracterizada como um lugar de natureza selvagem, intocado pelo homem branco e repleto de tesouros para serem descobertos e recolhidos. Os africanos são caracterizados na maior parte do tempo como negros selvagens. Storni



com frequência utiliza termos como “os negros”, “negros canibais”, “selvagens”, “assassinos”, “ferozes cannibais” e “sanguinários habitantes das florestas” para se referir aos africanos. Os personagens africanos também são desenhados normalmente conforme as convenções de desenho de negros e de selvagens, com destaque a características associadas no período à raça negra, como os lábios grossos, e o desenho dos personagens seminus, vestindo apenas panos ou peças de couro à cintura, com adornos como colares, brincos e artes plumárias, e portando lanças e escudos como armas.

O capítulo 12 da história é um bom exemplo de como Storni articula a caracterização da África e do africano no quadrinho (Figura 3). No capítulo, *Spot*, *Maria* e *Miquimba* encontram-se em um cenário desenhado com vegetação densa e variada, quando são atacados pela “selvagem” tribo dos homens-leopardos. Conforme lemos na legenda, os “homens-leopardos só tinham uma ocupação – matar homens brancos e devorá-los como se fossem, de facto, famintos leopardos das selvas africanas”. No capítulo, vemos dois africanos caracterizados como selvagens negros, com peles de leopardo nas costas. Os personagens se aproximam sorratamente pela grama alta e um deles salta sobre *Spot*, como se fosse de fato um feroz leopardo dando um bote em sua presa.

Entendemos que Storni desenha a figura do africano associando-a à de um animal feroz, como uma forma de solucionar problemas de representação relacionados à estrutura narrativa de aventura na selva. Com isso, o autor caracteriza o africano como um tipo de antagonista associado ao tema da selva. A África e o africano são caracterizados como obstáculos a partir da articulação visual das ideias de selva, de selvagem e de negro.



Figura 3: *Terras Extranhas*, de O. Storni. *O Tico-Tico*, n. 1634, 27/01/37. Acervo digital FBN.

2) *O Campeão*, de Oswaldo Storni (*O Tico-Tico*, 1937)

Em *O Campeão*, quadrinho de página única, publicado como capa de *O Tico-Tico*, número 661, de 04 de agosto de 1937, dois caçadores franceses se aventuram pelas “florestas perigosas do Senegal”, quando ouvem “gritos alucinantes”, “sem dúvida, de algum negro perseguido pelas feras” (Figura 4). Os exploradores então avistam um negro sendo perseguido por um leopardo e salvam-no, abatendo o animal com seus rifles. Agradecido, o negro coloca-se aos pés dos caçadores franceses. Posteriormente, os franceses são aprisionados por uma “tribu selvagem”, que iniciam uma cerimônia para sacrificá-los. O negro que os caçadores tinham salvo era príncipe da tribo, e este impede que os franceses sejam mortos. A história termina com os franceses levando o príncipe para Paris, onde ele se torna campeão de box.



Figura 4: *Terras Extranhas*, de O. Storni. *O Tico-Tico*, n 1661, 04/08/37. Acervo digital FBN.

No quadrinho, Storni recorre novamente ao desenho do cenário preenchido por uma vegetação densa e variada e os africanos como negros selvagens. Novamente, o autor emprega termos como “negro” e “selvagem” para se referir aos africanos. O estereótipo de negro selvagem é adotado mais uma vez, com os personagens desenhados seminus,



vestindo apenas tangas e adornos como penas e caveiras nas cabeças. Convenções como lábios grossos e narizes largos também são empregadas para o desenho dos personagens.

Adicionalmente, Storni caracteriza o africano de um modo diferente do visto no exemplo de *Terras Extranhas*. No quadro central, Storni desenha o príncipe se colocando aos pés dos caçadores franceses, em postura de submissão. Aqui o africano é caracterizado não somente como um antagonista negro selvagem, mas também como submisso.

3) *Tom Corrigan no Sertão Africano*, de Sigismundo Walpeteris (*A Gazetinha*, 1939)

Em *Tom Corrigan no Sertão Africano*, publicado em *A Gazetinha* entre os números 518 e 565, de 10 de junho a 28 de setembro de 1939, o protagonista – *Tom Corrigan* – é um “intrépido explorador das florestas selvagens” que se aventura com seu “creado negro” *Bombo*, em uma “expedição ao coração do sertão africano”. Em sua aventura, o explorador enfrenta perigos das selvas, como areias movediças e animais selvagens, além de enfrentar africanos caracterizados como negros selvagens e bandidos árabes. Walpeteris refere-se aos personagens africanos com palavras como “negros”, “selvagens”, “verdadeiros demônios”, “árabe” e “bandidos”.

O autor emprega convenções similares às observadas nos quadrinhos de Storni, como a caracterização do africano como negro selvagem animalizado. No quadrinho, *Tom Corrigan* enfrenta a tribo dos “homens panteras”, que espreitam para atacar os heróis de forma muito similar aos homens-leopardo de *Terras Extranhas* (Figura 5).



Figura 5: *Tom Corrigan no Sertão Africano*, de S. Walpeteris. *A Gazetinha*, n 523, 22/06/39. Acervo digital FBN.

Além dos negros selvagens, a África de Walpeteris também é habitada por bandidos árabes. A narrativa desenvolve-se com *Tom Corrigan* enfrentando o bando de *Ali Ben Abou*, que escraviza negros selvagens para trabalhar em minas de ouro, roubadas do inglês *Samuel Stevenson*. *Tom Corrigan* infiltra-se na mina, vestido de “árabe”, luta contra os bandidos, ajudando os negros a se libertarem e recuperando a mina de *Stevenson*.

Assim como em *O Campeão*, os negros selvagens precisam da interferência do explorador estrangeiro para serem salvos. Novamente, observamos a representação do africano como um selvagem negro incapaz de se proteger sem o auxílio do protagonista branco estrangeiro.

África e africanos em *Populações e Raças* e *Nossos Concursos*

Ainda tomando Baxandall (2006) como referência, entendemos que a forma como a África e dos africanos são caracterizados nos demais documentos analisados pode ser considerada uma solução para um problema de representação específico, relacionado ao tipo de imagem que se quer produzir. Tendo isso em mente, prosseguimos observando recorrências e variações na caracterização da África e dos africanos na página educativa *Populações e Raças*, e na página lúdica *Nossos Concursos*, publicadas em *O Tico-Tico* em 1936 e 1938, respectivamente.

4) *Populações e Raças* – página educativa (*O Tico-Tico*, 1936)



Na página educativa *Populações e Raças*, publicada em *O Tico-Tico*, número 1606, de 15 de julho de 1936, os leitores são apresentados a um mapa do mundo, representando a distribuição mundial das raças humanas, e a tipos raciais da “raça branca ou caucásica”, da “raça mongólica ou amarela”, da “raça preta ou ethiopica”, da “raça malaia ou azeitonada” e da “raça vermelha”, que servem de legenda para o mapa (Figura 6).

A página apresenta uma contraposição entre às raças branca e negra. Isso pode ser observado na caracterização da África, que é representada no mapa como majoritariamente preta, dividindo espaço com a raça branca. Pode ser observado também na configuração dos tipos raciais. Os tipos raciais branco e preto são os únicos desenhados totalmente de perfil e são colocados em lados opostos, como se estivessem se encarando. A composição direciona o olhar do leitor para fazer uma comparação entre os tipos. Ao fazê-lo, percebe-se a diferença de caracterização visual da raça preta, associada à África, com o uso de convenções como o maxilar mais inclinado para frente e os lábios grossos. Na legenda do tipo racial branco, este é descrito como “dominante no mundo”. Se o tipo racial preto é colocado em contraste com o tipo racial branco, pode-se chegar à conclusão que este é colocado em posição de inferioridade, como dominado.

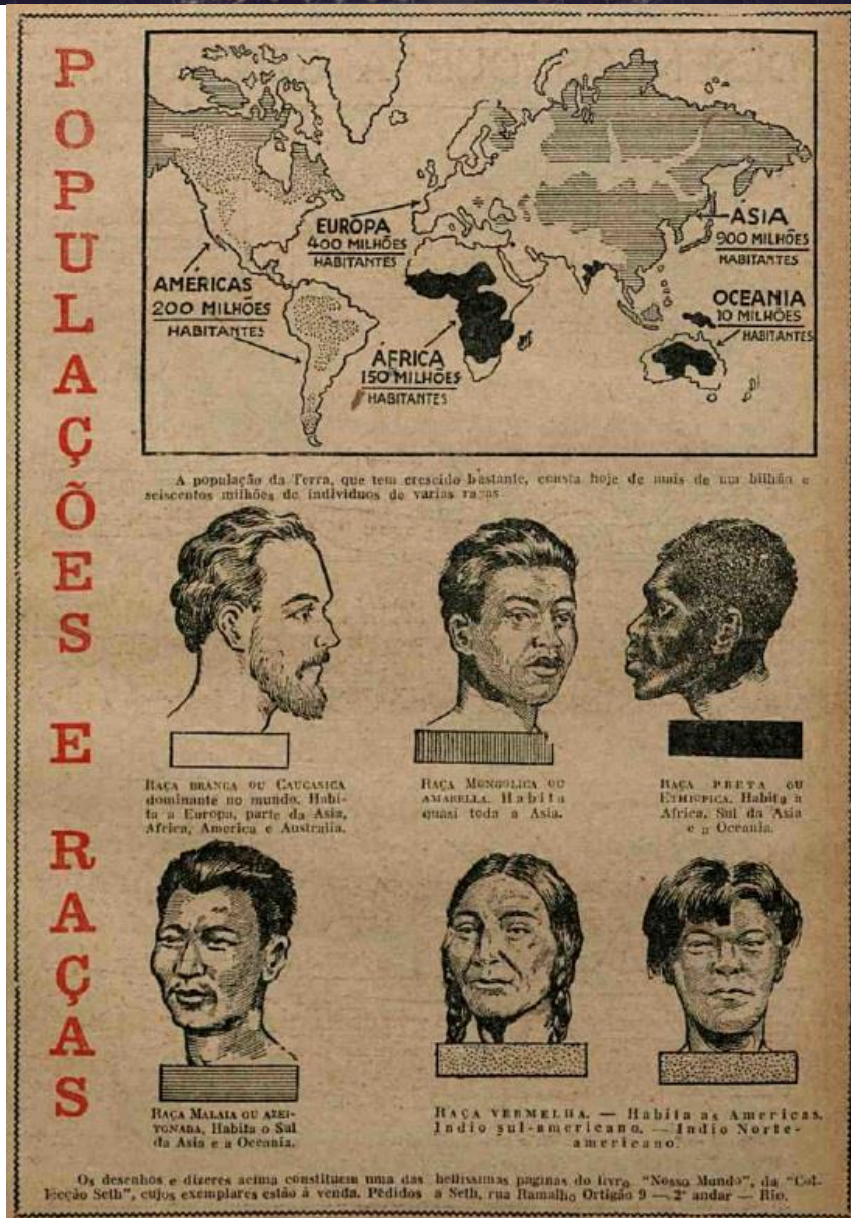


Figura 6: *Populações e Raças*, *O Tico-Tico*, número 1606, 15/07/1936. Acervo digital FBN.

Em *Populações e Raças*, a caracterização da África e dos africanos é desenvolvida de forma a didática, com intenção de ensinar o leitor sobre a presença das raças branca e preta na África, assim como as diferenças visuais e hierárquicas entre as raças. Podemos observar semelhanças com os quadrinhos de aventura na selva: a associação da África com o negro; a contraposição entre o branco e o negro; e o estabelecimento de uma hierarquia entre brancos e negros. A diferença maior é que enquanto nos quadrinhos a



caracterização é feita para o desenvolvimento da fórmula de aventura, em *Populações e Raças* a caracterização ganha forma didática.

5) *Nossos Concursos* – página lúdica – palavra cruzada (*O Tico-Tico*, 1938)

Na página lúdica *Nossos Concursos* de *O Tico-Tico*, os leitores eram convidados a jogar jogos, resolver problemas – como palavras cruzadas – e concorrer a prêmios. No número 1694, de 23 de março de 1938 foi publicado o concurso n° 23, um jogo de palavras cruzadas cuja temática principal era a África. O resultado do concurso, com o nome dos vencedores e a solução do jogo, foi publicado no número 1700, de 04 de maio de 1938. Como podemos observar na Figura 7, o jogo é colocado dentro de uma cabana, ao lado de um homem desenhado conforme as convenções de negro selvagem, com destaque aos lábios grossos, vestindo apenas um pano à cintura e empregando uma lança e um escudo. O concurso direciona o leitor a relacionar palavras do jogo, como “África”, “Africanos”, “Negro” e “Cor” à imagem da cabana e do negro estereotipado.

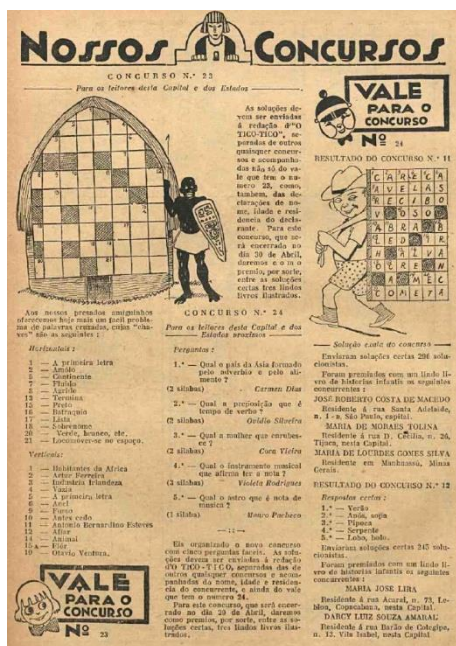


Figura 7: *O Tico-Tico*, números 1694 e 1700, 23/03/1938 e 04/05/38. Acervo digital FBN.



Podemos observar mais uma vez a associação das ideias de África e de africanos com o estereótipo de negro selvagem. Diferentemente dos exemplos anteriores, a imagem não é concebida para caracterizar o africano como antagonista, e nem para educar o leitor a partir do emprego de um tipo racial desenhado em estilo realista. No jogo, o negro selvagem é desenhado em estilo caricatural com intenção de provocar riso, cumprindo com a proposta do jogo ser uma brincadeira descontraída.

Conclusão

Foi possível observar recorrências e variações na forma como as ideias de África e de africanos são concebidas visualmente nos diferentes documentos analisados. A África aparece recorrentemente associada às ideias de natureza selvagem e os africanos como negros selvagens. Também é recorrente a contraposição entre o branco e o negro, além do estabelecimento de uma hierarquia racial, com o branco colocado em posição de superioridade frente ao negro.

A forma como as caracterizações ocorrem variam conforme os tipos de imagem. Nos quadrinhos de aventura na selva, a África é apresentada como cenário de natureza selvagem, onde exploradores brancos vivem aventuras, enfrentam perigos e encontram tesouros. A caracterização dos africanos como negros selvagens ocorre de forma a cumprir com as exigências da fórmula de aventura: são recorrentemente caracterizados como antagonistas. Em duas das histórias, a caracterização do negro selvagem como antagonista se funde com a caracterização da África como lugar de natureza selvagem, à medida que os personagens são comparados a animais predadores, como leopardos e panteras. Já em *Populações e Raças* e em *Nossos Concursos*, a caracterização se deu com objetivos diferentes. Como mapa e tipos raciais para cumprimento do objetivo de educar os leitores, e com uma caricatura cômica, com intuito de diverti-los no jogo de palavras cruzadas.



Fontes

O Tico-Tico, acervo digital Fundação Biblioteca Nacional:

<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/tico-tico/153079>. Último acesso em setembro de 2020.

A Gazetinha, acervo digital Fundação Biblioteca Nacional:

<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/gazeta/764507>. Último acesso em setembro de 2020.

Referências Bibliográficas

BARBIERI, Daniele. *As linguagens dos quadrinhos*. São Paulo: Peirópolis, 2017.

BAXANDALL, Michael. *Padrões de intenção: a explicação histórica dos quadros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CAWELTI, John. *Adventure, mystery, and romance: formula stories as art and popular culture*. Chicago: The University of Chicago Press, 1977.

CHINEN, Nobu. “Os personagens de quadrinhos estrangeiros na revista O Tico-Tico”. In: VERGUEIRO, Waldomiro e SANTOS, Roberto Elísio dos (org.). *O Tico-Tico: 100 anos. Centenário da Primeira Revista de Quadrinhos no Brasil*. São Paulo: Opera Graphica Editora, 2005.

DUNCAN, Randy; SMITH, Matthew J. *The power of comics: history, form and culture*. New York: Continuum, 2009.

GROENSTEEN, Thierry. *O sistema dos quadrinhos*. Nova Iguaçu: Marsupial Editora, 2015.

SANTOS, Roberto Elísio dos. “Produção editorial de quadrinhos no Brasil: do surgimento ao Gibi”. In: SANTOS, Roberto Elísio dos e VERGUEIRO, Waldomiro,



RAMOS, Paulo, CHINEN, Nobuyoshi. *Gibi: a revista sinônimo de quadrinhos*. São Paulo: Via Lettera, 2012.